



## ENTREVISTA

# Samuel Araújo e a internacionalização da etnomusicologia brasileira: um diálogo em forma de entrevista\*

*Vincenzo Cambria\*\**

É com muita alegria que recebi o convite para participar desse número especial da Revista Brasileira de Música em homenagem ao querido professor Samuel Araújo. A importância de externar o nosso reconhecimento aos mestres que marcaram nossa vida (tanto acadêmica quanto pessoal) é cada vez mais primordial em tempos onde o próprio ofício do professor vem sendo questionado e demonizado, dentro de um quadro geral de estupidez e intolerância. Eu gostaria de começar essas linhas frisando justamente o quanto Samuel encarna o que melhor define um professor, em seu sentido mais nobre: a dedicação, a competência, a capacidade de considerar vários ângulos de uma mesma questão sempre estimulando um pensamento crítico e uma práxis transformadora na relação entre a academia e a sociedade mais ampla. Por isso, tenho muito orgulho em dizer que o Samuel foi meu professor. Ao longo dos anos tive vários professores que marcaram minha formação em etnomusicologia e minha iniciação ao ofício acadêmico, mas com ninguém, mais do que com ele, aprendi a importância de lutar pelo o que vale a pena, a

---

\* Agradeço o professor Samuel Araújo por ter me recebido em sua casa no dia 13 nov. 2018 para essa conversa/entrevista.

\*\* Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro / Instituto Villa-Lobos, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: v.cambria@hotmail.com.

Artigo recebido em 30 de novembro de 2018 e aprovado em 7 de dezembro de 2018.



não deixar de acreditar no potencial transformador da educação e da pesquisa como práticas indissociáveis e na importância do diálogo verdadeiro com todos os tipos de interlocutores para estabelecer caminhos democráticos possíveis.

O momento que o Brasil vive é de tensão e de claros sinais de retrocesso em muitas questões centrais. Assistimos desolados aos mais diversos ataques a princípios básicos dos direitos humanos, à tentativa de criminalização dos movimentos sociais e ao desprestígio reservado à academia. Vivi junto com o professor Samuel Araújo anos cheios de esperança, numa conjuntura que, apesar dos inevitáveis limites, favoreceu iniciativas que propusessem mudanças, o respeito e a valorização das diferenças (e uma abordagem crítica das desigualdades), o diálogo, a colaboração e a participação popular e, de uma forma geral, a luta pela justiça social. Essas ideias podem ser assumidas como as principais “palavras-chave” que resumem a importante obra desse pesquisador que representa hoje uma das principais referências na etnomusicologia brasileira e do mundo. Tendo a certeza que esses aspectos serão o centro das reflexões que os colegas convidados a escrever nesse número especial proporão, escolhi tratar aqui, através de uma entrevista com o próprio Samuel, um aspecto que considero fundamental em sua trajetória e que, às vezes, acaba sendo menos evidenciado: sua atuação não apenas no sentido de consolidar a área de etnomusicologia no Brasil, mas, o que para mim é um importante diferencial, em fazer isso a partir de um diálogo mais efetivo com o campo em nível internacional. Ao evidenciar aqui que o papel do Samuel tem sido (e continua sendo) fundamental nesse sentido, obviamente, não quero dizer que ele foi (ou é) o único. Várias pessoas, antes dele e junto com ele, estabeleceram redes de interlocução em nível internacional. Me parece, contudo, que entre os pesquisadores de sua geração, todos engajados na tarefa de consolidar a área de etnomusicologia no Brasil, ele foi quem melhor enxergou a importância de participar de forma mais sistemática e continuada na definição de novos rumos para o campo como um todo.

Meu primeiro contato com o Samuel, em 1998, inclusive, se deu graças às relações internacionais que ele começava a estabelecer. Tendo completado minha graduação na Itália com uma monografia sobre o candomblé baiano, resolvi vir ao Brasil para continuar meus estudos em algum programa de pós-graduação. O nome do Samuel me foi sugerido pela minha ex orientadora, Tullia Magrini, que conhecia indiretamente seu trabalho através de colegas americanos com os quais mantinha contato.<sup>1</sup> Após algumas tentativas

---

<sup>1</sup> A professora Tullia Magrini, à qual devo minha iniciação nesse campo, de alguma forma, representou para a etnomusicologia italiana dos anos 1990 o que Samuel Araújo viria a representar, a partir dos anos 2000, na etnomusicologia brasileira. Graças a ela, de fato, a etnomusicologia italiana começou a estabelecer uma interlocução mais direta com a etnomusicologia



frustradas de conseguir uma bolsa de estudos da Universidade de Bologna para continuar meus estudos no Brasil, em 2000 ingressei no mestrado na UFRJ, tendo Samuel como orientador, na primeira turma da recém-criada linha de pesquisa em etnografia das práticas musicais. Desde então, posso dizer com toda certeza, o Samuel se tornou minha referência principal do que significa fazer etnomusicologia. Nesses vinte anos de trabalho e amizade que me unem ao Samuel, tive a possibilidade de aprender muito com ele e de compartilhar experiências de pesquisa decisivas na construção de uma perspectiva nova para nosso campo. Entre tantas outras coisas, foi ele quem me apresentou a obra de Paulo Freire, quem me inseriu no projeto de pesquisa por ele idealizado no Complexo da Maré que acabou se tornando uma referência importante para a etnomusicologia brasileira e internacional, e quem me encorajou a cursar meu doutorado nos Estados Unidos.

Apesar de ter acompanhado de perto o trabalho do Samuel nesses anos todos, colaborando com ele em vários projetos, publicações e eventos, e de ter testemunhado o crescimento de sua visibilidade e influência internacional em inúmeras situações e contextos, escolhi não apresentar aqui uma minha leitura das relações e interlocuções por ele estabelecidas internacionalmente ao longo de sua carreira, mas sim uma entrevista com ele sobre as mesmas. O resultado dessa nossa conversa, que durou quase três horas, certamente, é uma discussão muito mais rica e aprofundada da que eu seria capaz de propor.<sup>2</sup>

**VINCENZO CAMBRIA:** O fato de ter estudado nos Estados Unidos fez com que você tivesse maior interesse ou facilidade em estabelecer pontes entre a etnomusicologia brasileira e a etnomusicologia internacional?

**SAMUEL ARAÚJO:** Eu acho que sim, mas não da maneira imediata ou pré-estudada como muita gente imagina. [...] Eu confesso a você que meu período de estudo lá, embora

---

americana e a expandir seu campo de interesse para além do território nacional. Na época em que estudei com ela em Bologna, por exemplo, criei uma disciplina com o nome “Antropologia da Música” propondo a leitura de trabalhos referências da etnomusicologia americana como os de Alan Merriam, Bruno Nettl e Anthony Seeger. A cadeira já existente de “etnomusicologia”, cujo professor titular era Roberto Leydi, pelo contrário, seguindo o legado dos folcloristas europeus do século anterior, era voltada ao estudo quase “arqueológico” de tradições musicais italianas. Com o falecimento prematuro da professora Magrini em 2001, a etnomusicologia italiana perdeu o principal elo que a ligava às discussões do campo em nível internacional. Somente na última década a etnomusicologia italiana voltou a ter uma participação mais ativa nos fóruns internacionais do campo.

<sup>2</sup> Vistos os limites de espaço do presente texto, infelizmente, a entrevista a seguir apresentada teve que ser editada, perdendo um pouco da riqueza de detalhes das experiências abordadas.



tenha feito mestrado e doutorado, foi assim, [...] com várias críticas. [...] Eu sai do Brasil em 1985 justamente em um momento em que estava se desenhando aqui no Brasil uma perspectiva política de abertura, de redemocratização. [...] Não foi bem como nós queríamos, mas muita gente achava que não era o momento de alguém sair do país. Assim, eu constantemente fiquei me debatendo se havia sido a melhor opção ou não. Já na época, depois de passado um bom tempo, alguns anos, e hoje retrospectivamente, acho que foi uma ótima experiência. [...] Isso [futuros diálogos internacionais] não era algo que passasse pela minha cabeça no momento que eu estava fazendo o curso. Eu estava procurando aproveitar o máximo possível as oportunidades que me eram dadas: bibliotecas fantásticas, cursos sólidos [...] Eu jamais pensei que isso pudesse me dar [...] uma condição de prolongar esse diálogo com esses centros, como acabei fazendo de uma maneira ou de outra, interagindo com certa sistematicidade com alguns grupos. A Universidade de Columbia é um deles. A Universidade de Porto Rico é outro. Foi mais no sentido que eu sabia pelo menos me posicionar, tinha uma espécie de bússola para me orientar em relação ao porque a produção da etnomusicologia nos Estados Unidos ou na Europa tomavam determinados rumos. Um pouco, também, na África, que foi escolhida como um dos tópicos do meu período lá de estudo, e na América Latina, que era minha área principal. Era um curso muito voltado para o que eles chamam de *area studies*. [...] Eu nunca pensei durante o curso que isso seria uma maneira de estabelecer pontes internacionais, tanto que, depois que eu sai de lá, em fevereiro de 1992, nunca fui a um encontro sequer da *Society for Ethnomusicology* até o ano de 2005, em Atlanta. [...] Era o cinquentenário da associação e eu fui convidado, acho, em boa medida, porque eu havia estudado com o [Bruno] Nettl que era o responsável pela sessão que eles chamaram de “etnomusicologia global”, uma coisa assim, isto é, um mapeamento do que estava acontecendo em várias partes do mundo.<sup>3</sup> Eu duvido, contudo, que ele conhecesse o trabalho que eu estava produzindo que, inclusive, era muito mais veiculado em português do que em inglês. [...] Seis anos antes dessa volta ao Estados Unidos, fui também no meu primeiro encontro do ICTM [*International Council for Traditional Music*], em 1999, em Hiroshima [Japão]. Eu não era sequer sócio do ICTM. Fui convidado e instado a me tornar sócio. O ICTM já tinha planos de fazer o Encontro de 2001 aqui no Brasil. Isso já por interferência do Rafael José de Menezes Bastos, que tinha mais contato com o que eu fazia, e do Anthony Seeger que teve

---

<sup>3</sup> O título da sessão da qual Samuel Araújo participou junto com Stephen Wild (Austrália), J.H. Kwabena Nketia (Gana) e Beverley Diamond (EUA) foi “*Perspectives of the History of Ethnomusicology: Approaches from around the World*”. No mesmo encontro, Samuel fez parte do *program committee* e foi mediador na sessão de comunicações “*Musicologies: Brazilian History and Perspectives*” onde apresentaram seus trabalhos os colegas brasileiros Flavia Toni e Tiago de Oliveira Pinto.



algum contato comigo no meu tempo de estudante lá [...]. Não acho [contudo] que ele soubesse o que eu estudava, sobre o que era minha tese de doutorado. Isso foi muito antes do trabalho na Maré. Então eu era alguém que tinha passado pelos Estados Unidos, falava bem inglês, tinha estudado com o Bruno Nettl. Isso era uma credencial. Mas as pessoas não me conheciam tanto assim. Outra experiência fora do país, anterior até à do ICTM, foi em Portugal, em 1994, quando a Salwa [El-Shawan] Castelo-Branco organizou um encontro sobre os desafios para o estudo da música ibero-americana, uma coisa assim, no século XXI. Nesse encontro eu conheci pela primeira vez alguns colegas com os quais eu iria interagir mais tarde, de modo mais sistemático. Ela própria, Suzana Sardo ainda estudante de doutorado, [...], João Soeiro de Carvalho, Maria de São José Côrte-Real e o Jorge [Castro Ribeiro] [...] Esse contato com os colegas e as colegas portuguesas foi muito mais propiciado pela intermediação do Rafael José de Menezes Bastos e da Maria Elizabeth Lucas que já tinham uma interlocução com eles [...]. Foi um caminho de relações internacionais em que eu me vi metido pela primeira vez. Eu nunca tinha ido a Portugal. Acho que nunca tinha pisado na Europa antes desse encontro de 1994. Apresentei inclusive um trabalho, que eu sabia que ia chocar um pouco, sobre a música brega, que era para colocar em questão as escolhas temáticas dos etnomusicólogos (sempre músicas que lhe agradam). Eu resolvi explorar o que acontece quando não é esse o caso. Por que você escolhe um tópico assim? [...]

**VC:** Isso tem a ver com a minha segunda pergunta sobre uma tendência que eu vejo dentro da etnomusicologia brasileira mas, também, de outros países periféricos, vamos dizer assim, que é de evitar discutir o campo como um todo, se limitando a discutir uma realidade bem local. [...]. Por que você acha que existe isso? Esse exemplo que você trouxe, é uma provocação ao campo e vai muito além do Brasil, da sua realidade local mais direta.

**SA:** Acho que isso aí é reflexo e parte do processo de construção da hegemonia. Os cursos nos Estados Unidos já na minha época eram muito mais frequentados por pessoas de fora do que de dentro dos Estados Unidos. Isso dava a essas pessoas um ponto de vista privilegiado sobre a etnomusicologia feita lá. Nos cursos de história do campo, por exemplo, o Nettl era muito cioso em tentar passar uma visão basicamente centrada num mundo de língua germânica e anglófona. Esse foi um lado que contribuiu para que essa minha inserção na discussão nacional nunca fosse uma inserção de gueto, mas sim fosse sempre procurando interpelar o que era tido como o aspecto hegemônico dentro do campo na época. Eu conheço bem essa história, pelo menos como era contada até 1990,



por aí, porque depois mudou bastante. [...] Já dava para prever que isso faria com que, [...] em algum momento, essa crítica mais horizontal seria possível, com vantagem, eu acho, até mesmo para os Estados Unidos ou para a Europa que muitas vezes não tiram proveito, voltando a essa coisa um tanto quanto hegemônica.

**VC:** Outra questão relacionada a isso é que, muitas vezes, se tende a ignorar uma literatura internacional, mesmo quando essa literatura aborda questões muito semelhantes àquelas que são abordadas pelos pesquisadores aqui no Brasil. O caso da música indígena, por exemplo, é claro. Parece uma escolha desconsiderar essa literatura, achando que aqui é outra coisa. É quase uma questão ideológica, uma recusa ao que os Estados Unidos representam. Não sei se essa é sua visão. Qual seria o motivo para isso?

**SA:** Eu acho que você tem razão. Eu vejo um certo primitivismo também nesse argumento. [...] Quando você fala em indígenas nos Estados Unidos... Isso aí eu vi em cursos dados pelo próprio Nettl. De vez em quando alguém interpelava e perguntava: “Olha, eu estive lá nessa reserva, joguei no cassino operado pelos indígenas. Até que ponto você está falando de gente que tem um modo de vida diferente de qualquer outra pessoa?” Eu vejo como problemático sim. Agora, vejo como igualmente problemático lá nos Estados Unidos alguém dar um curso sobre a música da América Latina e não se ler Fernando Ortiz, não se ler Mário de Andrade. São aspectos que acho que exigem reformas curriculares. [...] Que tipo de literatura usar? A *Society for Ethnomusicology* começou uma série de traduções em etnomusicologia que acho que já está no oitavo número. [...] Ai uma colega da Servia responde: “tem que se fazer o inverso também. Pegar textos em inglês, francês, etc. e fazer a tradução nas línguas locais para a gente poder usar mais amplamente nos nossos cursos”.

**VC:** [comento que eu pensei em organizar junto com o Edilberto Fonseca uma coletânea de trabalhos clássicos da etnomusicologia internacional traduzidos para o português, mas que isso se tornou inviável pela falta de organização e de recursos]

**SA:** Acho que esse é um esforço imprescindível, mas não tenho resposta sobre como fazer isso. Nós somos um campo muito pequeno, embora em expansão nesses anos todos, e isso requer muita organização. Nós não temos esse grau de organização. Alguns campos aqui no Brasil, que são mais consolidados, têm. Talvez seja um problema mesmo temporal. Um dia nós chegamos lá. Isso exige compromisso e também uma coisa que eu acho que de vez em quando nós pisamos na bola aqui no Brasil, que é entender o papel dessas associações. Em campos que não têm essa tradição de pesquisa, parece que [uma



associação] é um órgão que, de dois em dois anos, organiza um evento aonde você apresenta o seu trabalho. A vida dessas instituições parece parar durante esses dois anos. Isso mereceria muita reflexão de nossa parte, até mesmo para pensar uma internacionalização. A associação poderia cumprir um papel de organização desses esforços. Não deixar isso exclusivamente sob a responsabilidade de pesquisadores individuais. Precisaria eleger prioridades. Não no sentido de impor, por exemplo, convênios com a Índia, com a China, com a Itália, ou sei lá com quem, mas de tentar pensar estrategicamente esse campo, porque muita coisa interessante hoje está sendo feita num eixo que eu diria que não está mais tão polarizado quanto estava antes. Claro que os Estados Unidos e a Europa [...] têm uma produção massiva de material. Mas a Austrália também tem. Eu vejo às vezes mais sentido em procurar esse tipo de conexão do que com esses centros mais tradicionais. Tem uma coisa aí que eu acho que passa também pela discussão da institucionalização. Em que medida nós no campo da etnomusicologia entendemos a importância da institucionalização? [...] Eu acho que isso aí afeta também a questão da internacionalização. Por que um dos papéis da associação [ABET – Associação Brasileira de Etnomusicologia] é como representante do Brasil no ICTM. [...] Nós tínhamos que ter uma participação - eu sei que é difícil - nos encontros do ICTM. Esses encontros podem ser caríssimos, como o próximo vai ser, na Tailândia. Nem sempre é possível conseguir apoio financeiro para esses encontros. Mas é preciso, na medida do possível, interferir. [...] Essas discussões têm sido muito produtivas, justamente para consolidar esse diálogo mais horizontal entre as etnomusicologias dos diferentes países. O ICTM é uma excelente instância institucional para isso. A SEM [*Society for Ethnomusicology*] também. Ela tem muita abertura. Já fui do conselho lá. Já propus uma vez que o espanhol fosse a “língua oficial” [risadas]. Hoje há outras instâncias. A gente poderia ter uma colaboração bilateral mais sistemática. Mas para isso talvez precisasse ter uma diretoria na ABET, uma subdiretoria, uma coisa assim. A SIBE [Sociedade Ibérica de Etnomusicologia], é um desses exemplos. [...] Tem uma associação de etnomusicologia na Turquia, em vários outros países. A gente poderia procurar essas coisas bilaterais. [...] Não sei se você lembra do Frederick Lau que foi meu colega de doutorado e era professor da Universidade do Havaí. No ano passado se transferiu para Hong Kong, de armas e bagagens. [...] Eu estou afim de começar a conversar com ele sobre que tipo de projetos a gente poderia fazer juntos. Isso nunca foi feito aqui no Brasil. É raro você ter uma coisa como o trabalho da Alice Lumi Satomi [2004], por exemplo, sobre música japonesa no Brasil. Eu fiquei pensando que, agora sobretudo, me interessaria muito uma coisa bilateral com a China. [...] Eu acho que



essas coisas, quanto mais institucionalmente e menos individualmente forem engendradas, mais a gente consegue dar corpo.

**VC:** Um problema que eu vejo é a excessiva burocracia para institucionalizar esse tipo de iniciativas. É uma demanda da CAPES que essas cooperações sejam formalizadas. Tem todo um tramite burocrático dentro da universidade que, inclusive, impõe burocracia para a universidade ou instituição parceira. Se cria algo quase impossível de cumprir e você acaba desistindo antes de começar.

**SA:** Eu me lembro uma vez que eu fui no Ministério da Fazenda com o Gerard Béhague. Ele não podia receber um dinheiro se ele não tivesse o CPF da mãe dele. Ai ele desistiu. [...].

**VC:** A propósito do Béhague. Um episódio que me marcou bastante foi no primeiro Encontro da ABET em Recife (2002) onde o Gerard Béhague foi convidado para uma conferência. Mais uma vez, ele estava propondo aquela análise sobre a etnomusicologia brasileira e latino-americana, apontando uma imaturidade do campo que não era ainda capaz de propor uma teorização própria. Na ocasião você deu uma resposta dura. Para mim aquilo foi um marco. Foi um momento significativo de consolidação da etnomusicologia aqui no Brasil. Eu não sei se há uma relação direta entre essas coisas ou se é apenas uma coincidência, mas a partir daquele momento a presença de pesquisadores americanos nos encontros da ABET foi caindo até o ponto que, hoje em dia, a gente quase não vê. Como você vê isso? Você concorda com essa leitura?

**SA:** Antes de mais nada é preciso dizer aqui que eu não tenho uma posição anti-yankee. Você sabe da minha história política. No meu campo político ser anti-yankee é quase um pré-requisito. Eu sinceramente nunca tive isso. Pelo contrário, lá eu consegui ver movimentos, inclusive políticos, muito afins ao que eu fazia aqui. Comecei a valorizar isso, lá em Chicago sobretudo. [...] Então eu sempre me achei, por incrível que pareça, um bom relativista. Entendendo que cada local, cada história, cada sociedade, cada cultura, tem muitas contradições e que não dá para apontar para uma como exemplo e esquecer que a outra tem alguns outros predicados que essa uma não tem. Sempre me coloquei nessa posição, procurando estudar tudo isso, me envolver. [...] Quanto ao Béhague, foi um cara que me deu uma força incrível. Lá nos Estados Unidos, um aluno de mestrado [...] nem sonhava na época, em publicar um trabalho, em ter uma atenção deferencial assim, de um professor importante. O Béhague me dedicou tudo isso. Logo de cara, conversou, foi lá em





casa. Sempre que passava pelo campus me visitava. Assim que eu terminei minha dissertação de mestrado, ele publicou um artigo [meu] de 50 páginas.<sup>4</sup> [...] Eu acho, assim, compreensível, essa coisa de ser o grande especialista nos estudos de área e tal. Mas dentro desse quadro que já comentamos, de expansão da etnomusicologia a outros quadrantes do mundo, estava na cara que essa coisa de ser [...] o grande especialista, ia ser cada vez mais problemático. Acho que isso sobrou um pouco para o Béhague, embora ele conhecesse bastante o campo aqui no Brasil e eu até concorde com ele em certa medida. Existe até hoje um uso meio ingênuo da etnomusicologia. Muita gente boa acha que etnomusicologia é tratar do folclore e da música popular. Tudo aquilo que, supostamente, é rejeitado pela musicologia. Isso revela uma desconexão com a literatura internacional muito grande. [...] Não é mais assim há muito tempo. [...] Eu acho um verdadeiro fardo ser alguém que entende de tudo e tal, chegar em um lugar onde o campo está se expandindo e você não ter mais condição de fazer uma análise de conjunto de tudo isso. Já as pessoas que tinham retornado [de uma pós-graduação fora do país], eu, [Carlos] Sandroni, Maria Elizabeth Lucas, estávamos participando de bancas atrás de bancas, [...], simpósios, etc. e já tínhamos um mapeamento muito diferente do dele. Isso precisava ser demarcado ali no primeiro encontro da associação para que até aquelas pessoas que ainda tinham essa visão ingênua – e eu não duvido que fossem até majoritárias naquele encontro – pudessem se orientar.

**VC:** Quando eu falo que isso foi um marco é porque eu via claramente o início de uma nova fase onde não fazia mais muito sentido ter o grande especialista sobre América Latina que vai falar para todo mundo ouvir. Assim como não fazia mais sentido ter uma série de pesquisadores vindo pesquisar no Brasil para depois falar sobre o Brasil nos Estados Unidos e ganhar, como eu posso dizer, legitimidade pelo fato de apresentar um trabalho aqui. A partir de então, por exemplo, periódicos americanos começaram a convidar, cada vez mais, brasileiros para avaliar artigos. De alguma forma, se tornou uma relação um pouco mais complicada para eles. [...]

**SA:** Surgiu também uma etnomusicologia que, no contexto dos estudos pós-coloniais, é bastante belicosa e capaz de enfrentar essas relações de hegemonia. [...] Acho que você tem razão. Eu nunca pensei sobre isso. Começa a se desenhar ali. Na verdade, o Béhague teceu essas considerações em um momento em que tudo isso já estava em marcha. Eu acho que não era possível a ele, vindo aqui periodicamente apenas, ter noção dessas

---

<sup>4</sup> Araújo (1988).



mudanças. Mas é uma pessoa que eu agradeço muito. Se um dos tópicos é esse meu papel na internacionalização, essa cartada dele, apostar nesse trabalho, realmente me deu um status que eu não tinha até então.

**VC:** Como surgiu a ideia de sediar a Conferência Mundial do ICTM aqui no Rio de Janeiro em 2001?<sup>5</sup>

**SA:** O ICTM começa a planejar seu próximo encontro quatro anos antes. Por exemplo, no encontro do ano passado, em Limerick [Irlanda], já se tinha fechado o lugar do próximo em 2019, que é a Tailândia, mas já há um prospecto do encontro de 2021 (agora está me fugindo o nome do país). A pessoa que seria o potencial organizador local é convidada já para a Tailândia, para saber como é. Eu nunca tinha ido a um encontro do ICTM. Fui convidado a ir a esse de Hiroshima. Em 1998 o Anthony Seeger me mandou o convite já com essas premissas. Em meado de 1999 foi o encontro. Ai me mandaram a passagem. [...] Essa é outra questão institucional que a gente nunca conseguiu aqui no Brasil. Essa coisa de ter fundos para poder ajudar as pessoas a ir ao encontro. O ICTM tem isso numa escala internacional. No ano passado foram 14 pessoas da África para Limerick, não sei quantas da Ásia, não sei quantas da América Latina. Ai eu fui [para Hiroshima]. Antes disso, fiz uma reunião aqui com o pessoal da UNIRIO e da UERJ, do curso de artes [...] e obtivemos a anuência das três universidades para que eu apresentasse lá. Foi basicamente isso. O Rafael [Bastos] estava no conselho também. O último, aliás o único, encontro na América Latina antes desse havia sido em São Paulo em 1954. Ai surgiu essa possibilidade de ser no Rio.

**VC:** Mas por que o Brasil naquele momento? Teve algum motivo específico ou foi mais uma coincidência de vários fatores?

**SA:** Acho que se devia muito à presença do Tony [Seeger] e do Rafael [Bastos] no conselho. À percepção do Anthony Seeger de que nós tínhamos uma etnomusicologia nascente e uma antropologia consolidada que poderia trazer aspectos bem diferentes da rotina das discussões. [...] As pessoas não estão acostumadas, por exemplo, a ouvir falar, na SEM ou no ICTM, de “antropologia simétrica”. Acho que foi mais ou menos por ai. Um país grande, uma cidade que devia atrair muita gente, o Rio de Janeiro. [...] Conseguimos apoio da Unesco também, que foi uma mão na roda para fazer o encontro, e das agências de fomento aqui no Brasil. Para esse encontro, lá em Hiroshima em 1999, eu conversei muito tempo com uma ex membro do conselho do ICTM, Olive Lewin, jamaicana, que

---

<sup>5</sup> A 36ª Conferência Mundial do ICTM aconteceu no Rio de Janeiro entre os dias 4 e 11 de julho de 2001.



trabalhou muito com etnomusicologia e educação, principalmente com crianças. Ai ela me deu o toque de propor pelo menos um tema de natureza mais aplicada. Ela trabalhou muito com política pública lá na Jamaica, trabalhou para o Ministério da Educação jamaicano. [...] Foi aluna do Dieter Christensen, na Columbia. Uma pessoa de grande destaque nos anos 1970, inclusive com alguns artigos no *Yearbook*.<sup>6</sup> Nessa época ela estava um pouco fora do campo, mas ela ajudou a colocar esse tema “a relação entre os pesquisadores e as comunidades que eles/elas pesquisam” como um dos quatro temas do Rio. Esse acabou sendo o tema que mais recebeu propostas. A partir dali começaram algumas relações internacionais importantes. Com a Angela Impey mesmo, que eu retomei agora no ano passado. A partir desse ano nós vamos estar em um projeto juntos, sediado na Inglaterra, chamado “impacto social do fazer musical”. [...] É um projeto multi-universitário, em vários países, voltado mais para a prática musical [...]. É coordenado pelo Geoffrey Baker e pelo John Sloboda, esse cara que veio da psicologia da música. Eu encontrei com ele no ano passado e ele falou assim: “Olha, eu não queria ser conhecido por isso. Depois da guerra nos Balcãs - minha família é de lá - eu reavaliei tudo o que fiz até aqui. Tudo isso agora está mais sob a condicionante da política”. Ai, houve essa inflexão ai, talvez a primeira, num encontro de etnomusicologia, a colocar esse tema. [...] Em 2005, por exemplo, naquela reunião da SEM, eu recebi um caderno de resumos desse tamanho [gesto]. Havia um tópico semelhante a esse. Setecentas e tantas propostas e ficaram quatrocentas. [...] De novo, a maioria dos trabalhos era nessa direção de uma etnomusicologia aplicada.

**VC:** Qual foi o papel desse encontro do ICTM no Rio na criação da ABET?

**SA:** Houve iniciativas anteriores a essa de criação de uma associação. Em um simpósio promovido pelo Manuel Veiga, uns quatro anos antes, se tentou elaborar um primeiro documento. [...] Mas não rolava. Não tinha força. Não tinha gente suficiente. Ai eu vi esse encontro do ICTM, que ia atrair muitos pesquisadores brasileiros, como uma oportunidade de retomada. Nós tivemos aquela assembleia famosa, com 60 pessoas, algo assim, que subscreveram a criação da ABET. [...] A situação tinha mudado. Havia mais gente trabalhando. A etnomusicologia brasileira dava sinais de algo diferente do que o Béhague apontou lá em 2002, já defasadamente, e fazia sentido a partir dali criar um organismo para intensificar essa potência. [...]

**VC:** Que tipo de participação você teve depois disso no ICTM?

---

<sup>6</sup> O *Yearbook for Traditional Music*, um dos principais periódicos da área de etnomusicologia, é uma publicação oficial do ICTM.



**SA:** Quando você vai organizar localmente um evento, você passa a fazer parte do conselho executivo do ICTM, como o que eles chamam de “membro cooptado”. Isso quer dizer que você não foi eleito. Você foi escolhido porque vai ter uma função ou vai suprir uma área [geográfica] que não está representada [...]. Aí eu fui cooptado para a reunião de Hiroshima e meu mandato terminava em 2001. Eu não tinha a menor perspectiva de continuar. Esse encontro do Rio foi muito bem falado. Svanibor Pettan, que agora deixou o cargo de secretário geral, sempre dizia que foi um exemplo de organização, com informalidade, sem aquelas chatices de controles, etc. [...] Ai eu voltei para o Brasil. Fiquei fazendo as minhas coisas. Comecei a preparar aquele projeto “samba e coexistência”<sup>7</sup> em 2002. Meu horizonte era esse: deslanchar um projeto aqui no Brasil com outras condições, integrando alunos, colegas (como o Luiz Fernando [Nascimento de Lima]), me dedicar a isso. Não pensava em ligar isso a uma rede internacional. Foi acontecendo. A gente começou a ter nesse projeto um caminho de renovação constante, com novos projetos. Muita gente acha que o projeto se chama Musicultura. Não, tem vários nomes. Você pode ver lá no meu currículo Lattes. De dois em dois anos eu pergunto: “Vale a pena a gente continuar? Então vamos pensar aqui algo para fazer”. Uma hora é a “militarização da vida”. Outra hora .... Essa é outra coisa ligada também à questão de como sair dessa armadilha dos estudos de área. Eu não me considero, jamais, um especialista em América Latina ou em África, ou no que quer que seja. Embora tenha estudado muito a literatura dessas regiões, eu me vejo muito mais como alguém que se dedica ao estudo de temas e do aspecto metodológico também, como trabalhar esses temas, as abordagens. É isso que me interessa e abre uma discussão internacionalizada, de um jeito ou de outro. [...] Eu estou trabalhando muito agora com a Sooi Beng Tan, da Malásia. Vamos fazer um novo painel no ICTM do ano que vem sobre pesquisa e ativismo. Ela vinha trabalhando com Paulo Freire e com Augusto Boal, com o teatro do oprimido. Lá eles tem aquelas formas cênico-musicais tradicionais extremamente codificadas. Ela começou a trabalhar com Augusto Boal para que imigrantes chineses na Malásia utilizassem essas formas como mecanismos de empoderamento numa situação em que são vistos como alguém que está ali para roubar o emprego dos nativos. Ela trabalha com esse tipo de população há muitos anos. Promove um festival grande na cidade de Penang, multicultural, trabalhando com referências brasileiras. Você sabe muito bem que a Catherine Ellis, lá na Austrália, trabalhava com

---

<sup>7</sup> O projeto de pesquisa “samba e coexistência: um estudo etnomusicológico do samba carioca”, realizado entre 2003 e 2005 e do qual tive o prazer de ser integrante, foi o primeiro projeto de Samuel a incluir, como parte importante do trabalho, atividades no Complexo da Maré. Vários outros projetos, pensados coletivamente com os integrantes do grupo Musicultura, se seguiram abordando diferentes questões ligadas às práticas musicais daquele local.



Paulo Freire desde os anos 1970. Isso é que me motiva a me internacionalizar, não aprender inglês ou viajar. Agora vou pegar um avião e vou passar 14 horas nele para ir a Oviedo, no norte da Espanha, no encontro da SIBE. Essa é uma coisa que a Silvia Martinez vem me chamando a fazer, que eu circule mais pela Espanha. Eles tem muitos trabalhos com populações migrantes. Faria todo sentido. [...] Vou chegar lá numa quarta e vou voltar no domingo. Faz sentido isso? Ir ao encontro do ICTM na Malásia, tudo bem. Fazer um painel assim com ela, Deborah Wong e a Wei-Ya Lin, uma pesquisadora da nova geração, chinesa mas radicada na Áustria é superimportante. Assim como foi em Limerick, no ano passado, com Margaret Sarkissian e Sooi Beng Tan. Para isso sim. Eu não tenho pique para ir numa conferência. Não é que uma conferência não seja importante. Mas eu não tenho esse afã de sair viajando.

**VC:** Falando ainda da sua participação no ICTM, depois de 2001 você teve alguma outra função, algum outro cargo?

**SA:** Pois é, o que acontece é que em 2005 o Bruno Nettle me convidou para essa mesa [no encontro da *Society for Ethnomusicology*] e logo, em 2006, saiu um artigo lá nos Estados Unidos, na *Ethnomusicology*<sup>8</sup>. Pronto, parece assim o sonho de todo pesquisador. Este foi um artigo sui-generis, com vários autores. Peter Manuel, o editor, falou assim: “Isso é um feito”. Foi ver quantos artigos coletivos tinha anteriormente e achou um do Keil com o Feld que são sete páginas. Isso deu muita visibilidade ao trabalho. Em 2009, isso já repercutindo, teve uma publicação também que saiu na Servia, em inglês, em um periódico online.<sup>9</sup>

**VC:** Como você chegou até a Servia?

**SA:** Ah, antes disso tem um ponto importante. Em 2007 a Margaret Sarkissian, minha ex colega de doutorado, me disse: “Samuel, eu estou aqui na comissão de programa e o Svanibor Pettan está querendo fazer uma coisa sobre etnomusicologia aplicada, acho que em linhas não iguais, mas semelhantes ao que você vem fazendo. Dá para fazer uma coisa conjunta. Vocês não gostariam de propor um painel?” Ai nós propusemos um painel duplo, em Viena, em 2007 [na 39ª Conferência Mundial do ICTM]. Isso atraiu muita gente que não vai aos encontros da SEM, o pessoal dos Balcãs, mais europeu. Nesse encontro nós tivemos uma pessoa da Austrália, uma dos Estados Unidos, [...] Maureen Loughran, que trabalhava em guetos afro-americanos em Washington, [...] a Patricia Opondo do Kenia, radicada na África do Sul, a Sooi Beng Tan e a Jeniffer Newsome do CASM [Centro Aborígene para o

---

<sup>8</sup> Araújo et al. (2006a). No mesmo ano um trabalho com características semelhantes (Araújo et al. 2006b) foi publicado por Samuel e seus coautores do grupo *Musicultura* na revista *Transcultural Music Review* da Sociedade Ibérica de Etnomusicologia.

<sup>9</sup> Araújo (2009).



Estudo da Música, da Austrália]. Esse painel terminou com um círculo freireano, uma roda de conversa, quebrando o protocolo. [...] No círculo, eu e Pettan propusemos a criação do *study group* [grupo de estudos] de etnomusicologia aplicada que fez seu primeiro encontro já no ano seguinte, em 2008, na Eslovênia. [...] Assim comecei a fazer parte desse grupo de estudos que se encontra sempre nos interstícios, nos intervalos, e, em 2010, fui “cooptado” novamente. Não tinha um representante da América Latina, encontraram esse pretexto. [...] Ai eu voltei e fiquei até agora, até 2017. Foram sete anos. Você emplaca uma vez e entra para uma reeleição (entrei para reeleição na China ,em 2013). Nesse primeiro encontro do *board*, preparando um ano antes o encontro no Canada, em St. John’s, [...] conversando com o Timothy Rice ele virou e falou assim: “eu venho pensando muito nessas coisas que você escreveu e eu estou tendo uma experiência agora com a Rebecca Dirksen que trabalhou no Haiti e isso está me fazendo achar que eu estou inadequado para dar aulas de etnomusicologia”. Uma coisa semelhante à de Sloboda. “A Rebecca, foi lá no Haiti, com uma bolsa Fulbright para estudar a música. Chega lá e tem furação, tem revolução, etc. e vai cozinhar para os caras. Não gravou nada, não fez entrevista, não fez nada”. Ai ele já colocou assim, de uma maneira bem primitiva, as linhas daquele artigo dele que saiu em 2014, o “*in times of trouble*”<sup>10</sup> que ele apresentou em 2012, quando o *board* estava preparando o encontro seguinte. [...] Eu questionei o título e perguntei a ele quando que a etnomusicologia tinha operado em tempos não problemáticos? Porque se fosse no sec. XIX, pode não ter sido problemático para o colonizador, mas para nós colonizados foi problemático pra caramba. Ai ele respondeu: “*I agree*. Essa é só uma homenagem a Lennon e McCartney, a *Let it be*”. [...] Hoje na área acadêmica, com essa coisa de estudos pós-coloniais, há muito o que é chamado em inglês de *tokenism*. Você tem que chamar um negro, tem que chamar um indígena, etc. Muitas vezes é quase que para fazer uma figuração, parecer que ficou bonito. Mas essas pessoas raramente têm uma integração no que você faz cotidianamente. Eu acho que a partir do encontro de Viena em 2007, as pessoas começaram a entender que havia uma outra maneira de abordar tudo isso que não era pelo caminho dos *area studies*. Que era mais se concentrando no tipo de questão, no tipo de problema, nas abordagens desde as mais engajadas, às menos engajadas. [...] A partir de 2007, essa coisa no ICTM se consolida. Em 2013 veio esse convite da Universidade de Chicago.<sup>11</sup> Eu nunca tive uma relação de trabalho com Philip Bohlman - um cara hiper conhecido, que transita por tudo que é espaço, no mundo inteiro – [...] embora ele fosse

---

<sup>10</sup> Rice (2014).

<sup>11</sup> Samuel Araújo desenvolveu atividades de ensino e pesquisa na Universidade de Chicago em 2014, sendo convidado como professor visitante (*Tinker Visiting Professor*).



ex-aluno do Nettl e eu também. [...] Eu não tinha um diálogo prévio com esse departamento. Não sabia nem quem eram os etnomusicólogos que estavam lá na época: Kaley Mason, indianista, ex-aluno da Qureshi, Travis Jackson, um etnomusicólogo negro – não sei exatamente qual foi a formação dele, imagino que foi na Columbia ou na NYU. Ele tem um trabalho com jazz bem politizado [...] e é um cara interessado em metodologia, princípios etc. [...] Havia também um saxofonista, Melvin Butler [...] com um trabalho muito legal sobre músicas afro-americanas que mesclavam componentes europeus a tradições americanas (gospel, etc.). [...]. A praxe do convite do professor visitante lá é sugerir um curso. Eles sugeriram inicialmente um curso, infalível, de “etnomusicologia no Brasil”. [...] Ai eu virei e falei: “Nisso ai eu não estou interessado. Tenho que confessar a vocês, eu quero dar um curso sobre música e justiça social, que é um tema, e quero falar das abordagens que eu vejo como emergentes nos mais variados campos e países”. Ai eles adoraram, toparam. O curso foi bárbaro. Terminou com os alunos construindo coletivamente, a la Musicultura, uma plataforma de gestão pública participativa. Eles se colocaram no papel de um gestor que estudava as questões que eram objeto de política pública e colocavam reflexões, com base na literatura, mas escritas numa linguagem aberta ao público externo. Esse site está aberto até hoje para consulta. [...] Eu também chamei ativistas que usavam música de alguma maneira para frequentar o curso. Não deu muita gente. Quem foi, tinha problemas de horário e não podia ir sempre. Mas a gente teve pelo menos uns três que assistiram o curso todo. Um deles, Bem Lamar, veio ao Brasil depois. Esse cara trabalhava com música eletrônica para crianças no distrito de Parker de Chicago, a duas quadras da universidade. Ele nunca tinha pisado no solo da Universidade de Chicago. [...] No passado ele já tinha trabalhado aqui no Brasil com o Afro-reggae e hoje está lá em Chicago. Trabalha com música experimental, uma espécie de free-jazz. Quando ele foi ao Musicultura, a primeira coisa que ele disse foi: “mas é o que você fazia conosco lá. Botava a gente para falar e só mediava...”. O cara sacou a questão do método.

**VC:** E sua participação na SEM? Você teve alguma participação mais direta?

**SA:** Fui do conselho da SEM, mas eu não vou todo ano.

**VC:** Você ainda é?

**SA:** Não. Fui por volta de 2009 a 2012, por ai. As discussões que eu vi no conselho são muito locais. Eles discutiam, por exemplo, empregabilidade. [...] Eram coisas muito sujeitas à legislação norte-americana, questões de como intervir no sistema público. Para mim era interessante assim, etnograficamente. Ver como é que isso é feito. Mas eu nunca me senti dando uma contribuição mais efetiva. Agora, em 2014 eu comecei a fazer uma coisa, mas



não consegui dar conta de terminar. Em 2013 teve aqui o Robin Moore, da Universidade do Texas, para um Colóquio na Escola de Música. Um dia [...] ele virou e falou assim: “Você não acha que esses currículos nossos impedem que a etnomusicologia traga uma real contribuição na graduação”. [...] Eu falei: “Essa é uma discussão corrente aqui. Mas como mudar isso? Dizer que uma orquestra é tão importante quanto um bloco afro”. Ele falou: “vamos fazer um painel na SEM de 2014? Vamos chamar o Nettl que escreveu as excursões domésticas<sup>12</sup> e outras pessoas que eu sei que estão trabalhando nisso lá”. Ele me chamou e eu fui. Foi muito legal a discussão de como, inclusive, etnomusicólogos estavam começando a dar aulas de disciplinas convencionais como, por exemplo, contraponto, mas revolucionando o conteúdo. Isso foi evoluindo para uma ideia de um livro. Quando o livro começou a tomar corpo, porém, eu não tive tempo de participar. Eu estava envolvido em um milhão de coisas. Acabou saindo um livro muito importante, em 2017, chamado “currículos de música para o novo século”.<sup>13</sup> Eu acho que é um livro que nós deveríamos consultar, até para nossas discussões atuais, para a proposição de novos cursos. No início do livro você vai ver várias referências ao Musicultura como uma outra possibilidade de inserção da música dentro do currículo, de refletir a partir da música. Ai você vê que, às vezes, santo de casa não faz milagres mesmo. Você consegue influenciar discussões em um outro país, a esse ponto, mas não tem seu nome citado em nenhum livro de educação musical aqui no Brasil ou o Musicultura referenciado como tal. [...] Eu acho até que eu precisaria de uma “nacionalização” a essa altura (risos). Se bem que esse trabalho é bem conhecido [aqui]. Você vê lá no livro “Etnomusicologia no Brasil”, vocês mesmos escreveram um artigo sobre etnomusicologia participativa dando muito destaque a esse trabalho e eu agradeço em nome do coletivo.<sup>14</sup> Você próprio é parte desse coletivo. Mas lá eu acho que essa coisa chega a alguma consequência. [...] A SEM participa de um conjunto de associações de educação musical nos Estados Unidos que está forçando mudanças no currículo. [...] Harvard acabou com história da música. Outras universidades acabaram [...] com a orquestra sinfônica e criaram um *mariachi* como grande conjunto. [...] Isso na Universidade do Norte do Texas. Essas coisas eu acho que não estão sendo pensadas a esse ponto aqui, ainda. É uma lastima isso, tendo gente aqui que já pensa assim, tendo uma pletora, uma imensidão de culturas musicais diversas, que a gente não consiga fazer isso, a não ser com muita garra e debando. [...]

---

<sup>12</sup> A referência aqui é ao trabalho de Bruno Nettl (1995) sobre escolas de música.

<sup>13</sup> Moore (2017).

<sup>14</sup> O livro citado é Tugny e Lühning (2016). O artigo desse livro que discute a etnomusicologia participativa no Brasil é Cambria, Fonseca e Guazina (2016).





**VC:** Esse trabalho na Maré certamente representou um marco importante e, provavelmente, hoje em dia é o trabalho mais conhecido da etnomusicologia brasileira no mundo. A partir dessa repercussão, várias pessoas começaram a vir para cá, inclusive, e a ter interesse em criar alguma parceria, projetos conjuntos. Como foi esse desdobramento mais internacional?

**SA:** Acho que há um interesse constante. Muitas vezes, colegas [...] que se dispõem a conhecer mais e, até, fazer um esforço para implementar programas semelhantes, se inspirar pelo menos. Não dá para replicar. Como dizia Paulo Freire, isso não é um método que você aplique como um remédio e em cada situação vai dar o mesmo resultado. Você tem que entender muito as circunstâncias locais, políticas, epistemológicas, históricas, musicais também. [...] A repercussão, principalmente dos textos em inglês, tem sido muito grande e tem ocorrido convites. Por exemplo, em 2012 a Universidade do Haváí me convidou. [...] Esse convite foi absolutamente inesperado e veio a partir de uma proposta dos estudantes de etnomusicologia. Lá eles têm uma associação com verba que conseguiram batalhar da administração da universidade, [...] para receber um acadêmico, uma vez por ano. Por uma semana você fica hospedado no campus, no centro de estudos asiáticos que tem uma infraestrutura muito legal. [...] No primeiro ano que eles tiveram essa verba chamaram o Anthony Seeger e, no segundo ano, em 2012, me chamaram. Eu fui e apresentei, basicamente, essas temáticas música, política, desigualdade, etc. Lá, por mais que a gente receba essa propaganda de um paraíso turístico e tal, há muita pobreza, que não é mostrada, muitos imigrantes filipinos e de tudo quanto é lugar que você possa imaginar. Ai o curso teve muito a ver com projetos que a própria universidade estava tentando desenvolver para chegar até essas pessoas. [...] Foi uma estadia muito legal porque eu também pude conversar com os alunos sobre cada projeto deles. [...] Inclusive eles me perguntavam como o projeto deles poderia se tornar um projeto aplicado. Eu sempre tive esse cuidado de dizer: “Olha, talvez não dê para você fazer isso, estabelecer esse tipo de relação com a comunidade, no prazo de um doutorado, mas isso pode sim ser, de repente, um desdobramento do seu doutorado. Você pode começar a pensar isso desde agora”. [...] Em 2013 a Suzel Reily me levou para a Irlanda para fazer algo semelhante lá [...]. Ai eu fui em Belfast, no centro onde lecionou o John Blacking [Queen’s University Belfast] e onde ela estava lecionando. [...] Nessa temporada lá, um professor português da composição, Pedro Rebelo, que tinha um projeto em Belfast que, dito muito cruamente, tentava fazer com que a música aproximasse os dois lados em conflito, os dois lados da cidade. Ele estava pensando nisso, como a arte podia interferir na mediação de conflitos. Achou bárbaro tudo aquilo e propôs uma colaboração com a Maré que acabou se



concretizando em 2014, no ano seguinte, no Museu da Maré. [...] No início de 2014, também, nós demos um novo passo numa interlocução, que já havia desde 2012, com o Núcleo de Etnomusicologia da Universidade de Aveiro [Portugal], [...] coordenado pela professora Suzana Sardo. Nós já tínhamos recebido algumas pessoas de fora para fazer estágio pré-doutoral [...] no Musicultura. Uma delas a Marie-Christine Parent que veio em 2006, da Universidade de Montreal. Depois veio a Ana Flávia Miguel,<sup>15</sup> já por volta de 2009-2010, para sentir de perto como é que essa coisa toda funcionava. Em 2012 o Núcleo de Aveiro aprovou um projeto com a participação de não acadêmicos, de pessoas não vinculadas ao mundo acadêmico, da Cova da Moura.<sup>16</sup> Nesse projeto, o Musicultura foi apresentado como avaliador externo. O Musicultura foi reconhecido como uma instância acadêmica capaz de acompanhar um projeto dessa natureza em Portugal. [...] Em 2014 foi lançado mais um dos editais CAPES/FCT. Como nós já havíamos essa interlocução anterior, eu perguntei a Suzana se haveria interesse em mandarmos um projeto. Nesse tipo de edital você manda dois projetos diferentes que conversam entre si. Os dois projetos foram aprovados (um aqui pelo Brasil e, o outro em Portugal). Esse projeto foi desenvolvido de 2014 a 2016. Você participou de algumas etapas dele. Depois disso veio aqui a Ana Hofman, que eu conheci no ICTM, no encontro de Etnomusicologia aplicada na Eslovênia, em 2008. Desde lá a gente viu que havia muitas preocupações comuns, até mesmo de uma maneira estranha, porque ela vinha da antiga Jugoslávia e eu aqui do Brasil, até mesmo no tipo de formação. A universidade lá é muito politizada como aqui. A Ana veio pra cá e passou dois meses e meio trabalhando no Laboratório. Fazendo palestras, indo ao Musicultura, [...] intervindo em aulas regulares dos cursos de graduação e de pós. Agora, eu acho que foi muito mal aproveitada por nós mesmos. Raramente, se é que aconteceu, algum colega foi conversar com ela. Ela estava lá em tempo integral praticamente, trabalhando em um livro, no qual ela inclusive menciona o apoio recebido aqui por nós. Raramente houve curiosidade de saber qual é a experiência dela, trocar uma ideia. Isso ficou mais restrito ao pessoal da etno, eu, Frederico [Barros], Jonas [Soares Lana]. Isso nos mostra também que maturidade nós temos para desenvolver esse tipo de [relações internacionais]. [...]

**VC:** Isso é interessante porque, geralmente, quando vem algum pesquisador estrangeiro, ele procura um pesquisador daqui para conseguir informações, referências

---

<sup>15</sup> Na época, doutoranda na Universidade de Aveiro.

<sup>16</sup> O bairro do Alto da Cova da Moura, no município de Amadora, área metropolitana de Lisboa, concentra uma população imigrante, de maioria cabo-verdiana, como no caso dos jovens participantes do projeto mencionado pelo Samuel.



bibliográficas, contatos, etc. mas, dificilmente para assimilar uma perspectiva teórica ou metodológica.

**SA:** Vem muita gente. A Silvia Martinez, da Escola Superior de Música de Barcelona esteve aqui em 2015 para o encontro da IASPM em Campinas. Fez questão de parar aqui no Rio, ir até lá [na Maré]. [...] Essa passagem de acadêmicos continua.

**VC:** E de alunos também?

**SA:** Certamente.

**VC:** Teve alguém da Holanda?

**SA:** Sim, Sterre Gilsing, estudante de doutorado na Holanda. Lá ela faz o que eles não chamam de etnomusicologia, mas de musicologia cultural. Ela fez parte, como voluntária, do Musicultura, por um ano. Chegou inclusive a publicar um artigo. Esse ano mesmo, no início do ano, no encontro da LASA [*Latin American Studies Association*] em Barcelona, em março, a Sterre promoveu uma mesa redonda e convidou o Musicultura que participou virtualmente. Essas interlocuções, algumas mais sistemáticas, outras menos, são todas mais informadas. As pessoas sabem o que a gente faz aqui.

**VC:** Que tipo de parcerias você estabeleceu com a Colômbia?

**SA:** [...] Esqueci de mencionar uma colaboração, que também rendeu muitos frutos, com a Universidade de Porto Rico, via Mareia Quintero [Rivera] e o pai dela, [Ángel] “Chuco” Quintero Rivera, e tem a ver muito com essa coisa da Colômbia, porque lá o curso é de gestão cultural. Tem muito a ver com políticas públicas, outro tema que eu tento debater. Agora inclusive eu escrevi, a convite de Janet Sturman, um verbete sobre política pública que vai sair ano que vem na “Enciclopédia SAGE de Música e Sociedade”. Com a Colômbia, eu já tinha essa interlocução anterior com a Ana Maria Ochoa<sup>17</sup> e houve um encontro, uma cátedra (cátedra Manuel Ancizar), que é um evento anual promovido na Universidade Nacional da Colômbia, que ia tematizar exatamente a relação da música com o tráfico, num sentido amplo. Esse assunto, obviamente, interessa ao Brasil e interessa à Colômbia. Tinha discussões sobre corridos proibidos na Colômbia e sobre o proibidão. Eu fui para esse evento multidisciplinar promovido por gente da comunicação, da antropologia, etc. Foram assistir essa cátedra pessoas do Ministério da Cultura da

---

<sup>17</sup> Foi no âmbito dessa interlocução com a professora Ana Maria Ochoa, da Columbia University, que em 2004 surgiu a ideia de eu (Vincenzo) ir fazer meu doutorado nos Estados Unidos.



Colômbia. Foi uma das experiências acadêmicas mais incríveis porque, num sábado, de 9 a meio dia, havia um auditório de mil pessoas cheio de gente para ouvir esse debate entre eu, um produtor cultural de *narcocorridos* e uma cantora que era, inclusive, formada pela Universidade Nacional em canto lírico e depois virou a “rainha” do *narcocorrido*, Lina Fernandez. Depois eu cantei com ela. [...] Ai eles me abordaram: “olha, ano que vem nós vamos fazer um encontro assim e assado”. Aliás, não foi o Ministério da Cultura, foi um outro grupo, mas com a participação de uma pessoa do ICANH (Instituto Colombiano de Antropologia e Historia) que é um órgão do Ministério da Cultura. Eles iam começar um projeto com sete/nove universidades e o ICANH pelo Ministério da Cultura, de mapeamento dos efeitos das políticas de patrimonialização na Colômbia. Eles viram uma relação direta daquilo que eu estava falando com uma questão que as políticas de patrimônio têm no mundo inteiro, essa coisa de tentar, tanto quanto possível, envolver a comunidade. Muitas vezes as pessoas não tinham muito claro que havia formas, inclusive já pensadas na própria Colômbia (Fals-Borda) de como fazer isso de uma maneira, também, que não fosse só dizer amem às perspectivas comunitárias. De criar realmente um espaço de diálogo entre o acadêmico e o extra acadêmico. Ai eu passei a fazer parte desse projeto. Comecei a ir a Colômbia todo ano praticamente. Fui em 2009, em 2010, voltei em 2011. Em 2012 voltei a convite do Ministério da Cultura, por um ex aluno da Maria Eugenia Londoño, o Jorge Franco, que era compositor e uma pessoa, assim, graduada lá no Ministério da Cultura, na área de música e do Alejandro Matija que é também compositor e ex aluno da Londoño. [...] A Colômbia estava em um momento de muita transformação, com a questão da nova constituição, direitos iguais, multiculturalismo, etc. Esse era um projeto nacional que ia aos oito departamentos da Colômbia (não sei se são oito no total, mas chegava a oito departamentos, oito estados). [...] Era uma espécie de “Encontro de Saberes”, com núcleos acadêmicos ligados a conhecedores de músicas locais. A ambição deles era fazer desse trabalho de pesquisa a estrutura inicial dos programas de pós-graduação em música na Colômbia. Ou seja, trazer o saber popular para já ter um lugar de protagonismo dentro do sistema de pós-graduação lá, que até então não havia. [...] Ai eu comecei a participar dessas reuniões anuais lá em Bogotá com indígenas, com quilombolas, etc. e, no último ano, fui fazer um trabalho de campo com uma dessas equipes no Vale do Magdalena, onde Fals-Borda havia [trabalhado]. [...] Nós fizemos o trabalho de campo lá e eu fiz palestras públicas sobre essa coisa da universidade colaborar. Sempre ressaltando a questão do Fals-Borda. O pessoal tem um medo danado de falar do Fals-Borda lá, até hoje, por causa dos paramilitares. Nessa região, em uma única noite, mataram, numa cidade só, 75 pessoas, no tempo que eles chamam de “la violencia”. Depois o Fals-Borda historiou



tudo, tem dois livros com um relatório sobre “la violencia” nessa área. Ai começaram a aparecer músicos que tinham interagido com ele, porque um dos modos de aproximação dele era esse. Ele tinha formação em música, era regente de coro na Igreja Presbiteriana. [...] Chegou a pensar em ser músico por um tempo. [...] Então muitos desses caras passaram anos e anos escondidos, sem falar em nada disso. Ai nós começamos a levantar isso com o grupo da Universidade do Atlântico, lá de Barranquilla, que é a terra dele, que estava lá estudando há dois/três anos e nunca tinha ouvido falar de pesquisa participativa. É muito interessante, foi preciso um gringo, eu no caso, brasileiro, para falar sobre isso. Teve um dia, isso já na Universidade de Barranquilla, depois que nós saímos do interior e eu fui fazer uma palestra antes de ir embora, que nós estávamos conversando, [...] e, de repente eu olhei para baixo, estava o nome dele no chão da faculdade. A faculdade tinha o nome dele, assim como a de Bogotá, também. O Centro de Ciências Sociais da Universidade Nacional, leva o nome dele: Faculdade de Ciências Sociais Orlando Fals-Borda. Foi uma experiência fantástica. Participei da elaboração de documentos do governo e tal. Aqui nunca fiz isso, no plano federal pelo menos. Já fiz aqui no plano do Estado. [...]

**VC:** E agora? Continua?

**SA:** Agora isso tudo entrou num regime neoliberal de cortes [...] orçamentários, e tudo isso, não sei se estancou, mas aquelas ambições que eles tinham lá em 2012 se refriaram bastante. Eles queriam criar programas de pós-graduação ancorados nessa ideia, do encontro de saberes. [...] Em 2016 eles estavam querendo começar a produzir um material didático, na internet. Isso, pelo que eu saiba, não prosperou. No entanto, em 2015 ainda, quando o projeto já estava meio mambembe, eu incluí o Jorge Franco e a Gloria Zapata, que eram os dois gestores desse programa no Ministério da Cultura, para esse encontro de Limerick. Esses caras que nunca tiveram envolvimento com o ICTM, se apresentaram. Jorge não falava inglês. Eu fiz a tradução consecutiva dele. O pessoal ficou assim: “Pô, na Colômbia tem tudo isso e não aparece aqui nos encontros do ICTM!” Eu acho que é nesses momentos que cai a ficha de quanto a boa internacionalização é necessária. Não para buscar modelos ideais ou para reafirmar hegemonias, mas para abrir um diálogo realmente horizontal entre várias potencialidades e os vários problemas também. Na China, por exemplo, o que me relataram lá, quando eu falei sobre essas coisas, é que [...] logo depois da revolução, nos anos 1960, os principais trabalhos sobre folclore musical chinês eram trabalhos de equipe multidisciplinar, de gente que ficou enfiada anos e anos no interior, convivendo com as comunidades [...] Era um trabalho de reeducação, também, de



desaburguesamento. Tem muita coisa que a gente não sabe. Tem coisas que a gente fica às vezes apressadamente julgando como inovadoras. Essa é outra questão que vem quase sempre atrelada à internacionalização: a inovação. Isso que a gente faz aqui é inovação? Certamente, na etnomusicologia é. Mas como você bem sabe, é algo que vem da tradição dos anos 1950, 1960, do pós-guerra até, se a gente for incluir as antropologias aplicadas. Talvez até mais. Eu falo em um artigo que aquele inglês da antropologia social britânica já falava em antropologia aplicada em 1830, ou antes disso, não me lembro agora. Acho que hoje inovação é tudo aquilo que abre realmente perspectivas para essa complexidade do campo acadêmico em termos internacionais. Nesse sentido, eu acho que é importante sim a internacionalização. Mas o que eu vejo em geral como internacionalização é você se atrelar, nem que seja na cauda do cometa, a um país considerado mais avançado, que em geral é quem publica mais e tem um esquema para afirmar sua produção como hegemônica. O que interessa como internacionalização, muitas vezes, é [...] colocar um artigo em um livro de uma sumidade, etc. O livro "*Music and Conflict*",<sup>18</sup> onde o Musicultura publicou um artigo,<sup>19</sup> era um livro extraído de uma conferência sobre música e conflito que aconteceu na Irlanda, acho que em Dublin. O Musicultura foi convidado à base da repercussão de seu trabalho. Porque nós não participamos dessa reunião. Isso é diferente. Os caras não estavam querendo deixar de fora [...] algo que não estava nos planos mas que estava ganhando, àquela altura, 2010/2011, bastante divulgação, bastante difusão. Eu acho que esse é o caminho que me interessa.

**VC:** Na entrevista que você deu para o Marcus Wolff para a revista *Música e Cultura* (da ABET)<sup>20</sup> você cita como exemplo de relações internacionais o próprio Luiz Heitor que criou o Centro de Pesquisas Folclóricas na UFRJ. É interessante ver como, tanto ele como Mário de Andrade, tinham esse interesse na interlocução, no diálogo com pesquisadores e instituições estrangeiras. Pode ser uma impressão errada minha, mas eu vejo que os pesquisadores de sua geração não continuaram muito isso. [...] Não sei se você concorda. Talvez isso não aconteça de uma forma tão visível.

**SA:** Eu acho que existe, mas não é tão visível. A própria professora Maria Elizabeth Lucas, que se formou um pouco antes que eu, teve durante muito tempo um projeto que envolvia estudos sistemáticos em Portugal. Ela me indicou para minhas primeiras

---

<sup>18</sup> O'Connel e Castelo Branco (2010).

<sup>19</sup> Araújo et al. (2010).

<sup>20</sup> Wolff (2007).



interlocuções com Portugal. Ela já tinha uma experiência grande nesse sentido e uma inserção no ICTM, também, anterior. Mas talvez não com esse grau de envolvimento. [...] Rafael de Menezes Bastos chegou a ser do conselho do ICTM. Ele achava maçante, e realmente é. [...] Tem um trabalho braçal meio extenuante. Mas tem também uma discussão muito interessante. Esse encontro de Limerick, por exemplo. Essa é uma coisa da internacionalização que eu queria destacar. Esse encontro conjunto (SEM/ICTM) saiu desse papo. Saiu de muitos caminhos, claro, mas uma das origens foi esse papo que tive com o Tim Rice nesse intervalo entre os encontros do ICTM, em 2010. Ele chegou, [...] e falou: “estou me sentindo inadequado hoje como orientador. O campo mudou radicalmente, as questões são outras. Vocês estão trazendo esse cabedal de coisas novas, essa politização do campo. Eu não fui formado para isso. Fui formado para fazer etnografias, já considerando que fazer a etnografia de um indivíduo era um grande rompimento (o trabalho dele na Bulgária). Mas isso que vocês estão fazendo é uma outra coisa!”. Lá pelas tantas ele virou e falou assim: “você acha que valeria a pena eu tentar apresentar uma candidatura Wenner-Gren,<sup>21</sup> para a gente fazer conferências?” [...] A Wenner-Gren promove, às vezes, simpósios temáticos em que eles pagam tudo para todo mundo [...] para que as pessoas tenham todas as condições de ficarem uma semana enfurnadas e depois sair uma publicação. Ele me perguntou: “Você acha que valeria a pena? Eu entraria apenas para mediar. Acho que quem tem que falar são vocês, o Pettan...”. Eu não sei se eu botei areia na empada dele, mas falei assim: “Olha Tim, acho supergeneroso de sua parte mas, um negócio assim tem que acontecer na Bósnia, na floresta Amazônica. Tem que botar, pelo contrário, os acadêmicos incomodados com as condições [...]”. Ai ele riu e disse: “vamos conversar mais sobre isso. Pode não ser tanto oito ou oitenta”. Ai ele começou a puxar papos assim na SEM. Um dos caras que ele logo chamou foi o Gage Averill que começou meio que a tramar essa coisa no campo da SEM. [...] Enquanto isso, eu no *board* do ICTM comecei a martelar isso todos os dias, dizendo que esse negócio de *area studies* não estava com nada, esse negócio de folclore que aparecia em vários lugares pode ser quase que uma evocação do nazismo. Peguei pesado: “Tem que modificar, tem que ouvir as outras etnomusicologias.” Foram essas duas frentes que convergiram para a concepção desse primeiro encontro. Tanto que eu escrevi o primeiro rascunho do programa sozinho. Depois entraram o Gage e a Beverley Diamond e foram completando. Até que ficou com um nome de triplo sentido: “*Engaging ethnomusicology*”.<sup>22</sup> [...] O desenho acabou não

---

<sup>21</sup> Instituição de fomento da área de antropologia nos Estados Unidos.

<sup>22</sup> O Fórum conjunto SEM/ICTM aconteceu em Limerick (Irlanda), entre 13 e 16 de setembro de 2015. O título do evento acabou sendo “*Transforming Ethnomusicological Praxis through Activism and Community Engagement*”.



sendo o original porque a SEM tem no estatuto que ela não pode promover nada, nenhum evento acadêmico, em que as pessoas não tenham direito a mandar um *paper*, a se candidatar democraticamente e ter o *paper* aprovado. O que nós tínhamos pensado originalmente, eu inclusive, era um negócio não muito democrático: chamar gente que tinha experiência para fazer um *brain-storm*, uma espécie de Werner-Gren, mas sem chamada de trabalhos. Acabaram abrindo. Para a SEM fazer parte teve que fazer isso. [...] Eu fiquei numa sessão com a Sooi Beng Tan, com a Ana Hofman e com a Deborah Wong de mediadora. Foi bárbaro. Deborah entrou descascando. Aliás é uma pessoa que estou cada vez admirando mais. [...]. O próprio Eric Lassiter foi convidado especial, por minha indicação. Foi a primeira vez que ele foi a um encontro de etnomusicologia. Nem lá nos EUA ele vai. Na época ele já tinha sido presidente da AAA [Associação Americana de Antropologia]. [...] O José Jorge de Carvalho também deu um show de bola. Os outsiders deram um show. Ninguém imaginava aparecer um americano, Lassiter, falando coisas que um americano não sabia. Ninguém imaginava o José Jorge de Carvalho chegar lá e mandar, em inglês britânico: “Eu estudei aqui, com John Blacking”. “Quem é esse cara, aluno do Blacking, brasileiro?” E o Jorge Franco, que não tem nem mestrado, aluno da Londoño, deu um show de bola do ponto de vista da fundamentação de uma política pública. Depois disso eu falei: “bom agora eu fico até 2017. Não dá para largar o bonde andando”. Mas eu já fiz o que eu podia fazer pelo ICTM e, de tabela, pela SEM também. Mostrar um outro modo de fazer, de pensar. Agora é uma pena que o livro não saiu ainda. Nele eu falo, por exemplo, da ligação desse nosso trabalho, lá com os anos 1960, com a educação popular, com a teologia da libertação, de interligações também com essa antropologia perspectivista do Eduardo Viveiros de Castro. [...]

**VC:** Nesse momento que a gente está vivendo aqui no Brasil, que futuro você vê para a etnomusicologia e qual o papel das relações internacionais para a sobrevivência dessa área? [...]

**SA:** [...] Em primeiro lugar essa situação, como eu já disse algumas vezes a você, infelizmente não é nova e mostra que a gente tem que ter muito cuidado com as nossas conquistas, porque elas podem não ser tão grandes quanto a gente pensa. Disso eu sempre tive toda a clareza. A gente estava tateando no nosso fazer acadêmico alguns dos graves problemas brasileiros, mas não mais que isso. Estava começando um movimento que podia dar em algum lugar. Vai levar muita luta, o empenho de muita gente, mas como os





problemas continuam a acontecer, mais cedo ou mais tarde nós vamos conseguir retomar o propósito, o projeto e, eu tenho certeza, de forma muito melhor do que o anterior. O anterior também não era essa “Brastemp” toda. Eu sempre caracterizava esse projeto como um projeto reformista. Não era um projeto de mudança propriamente substancial da realidade brasileira. Era um projeto reformista que criou, pelo menos, alguns mecanismos mínimos de proteção dos mais vulneráveis. Foi isso que nós conseguimos fazer, coletivamente, no país até 2016. Eu acho que isso vai ser retomado, porque os problemas, as contradições estão aí. Nós vamos ser exigidos a dar respostas melhores que nós demos no passado. Mas [essa situação] me aflige. Me aflige muito porque muita gente vai sofrer as consequências disso aí, diretamente [...]. Agora eu acho que a questão da internacionalização ganha um aspecto que, talvez, não teve nos últimos anos. Por exemplo, muitos desses projetos que eu citei, foram projetos financiados aqui no Brasil que deram margem para trabalhar com abordagens diferentes, mais participativas, etc. ou então projetos casados, como esse de Portugal. Eu acho que uma possibilidade, não sei avaliar isso, [...] é que a gente passe a depender, e isso não é bom, dessas parcerias. Porque aí volta aquela história, nós vamos nos unir ao outro centro acadêmico porque ele é mais abastado, tem mais recursos, está na ponta da pesquisa, nós vamos pegar a cauda do cometa? Nós vamos começar a ter uma série de critérios e justificativas para nos internacionalizarmos os piores possíveis. [...] Assim que o governo Lula entrou, o impacto social passou a ter um peso na avaliação dos projetos. Por mais que esse termo seja muito nebuloso, uma espécie de caixa vazia (você pode enche-la como você bem entender), cria pelo menos um... Agora eu acho que esse diálogo não vai deixar de acontecer por conta justamente desse trânsito internacional. Hoje a etnomusicologia brasileira já conseguiu se colocar internacionalmente, as pessoas procuram parcerias, procuram diálogos. Agora mesmo, eu estive no encontro do grupo de estudos “Música e Dança da América Latina e do Caribe” e é impressionante a repercussão, entre os colegas da América Latina, do nosso trabalho. Eles sempre destacam: “lá vocês têm um grau de institucionalização que nós não temos em nossos países”. Então, eu acho que nós temos que pensar, talvez, se não é o papel agora da ABET fomentar isso. O papel, entre nós mesmos, de pensar mais projetos conjuntos. Eu sempre fiz isso. [...] Esse aspecto da colaboração acho que vai ser ainda mais importante agora. Colaboração também nesses diálogos bilaterais, multilaterais com instituições internacionais. Portugal é um lugar onde há linhas de projetos específicos para colaboração com o Brasil. Então tem um caminho aí. A União Europeia tem para a América Latina. O Brasil tinha saído um pouco dessa lista porque tinha dado uma guinada. O Brasil



estava sendo capaz de financiar pesquisadores estrangeiros para vir para cá. Agora pode ser que nós, pelos piores motivos possíveis, voltemos a essa lista. [...]

## REFERÊNCIAS

Araújo, Samuel. “Brega: music and conflict in urban Brazil”. *Latin American Music Review* (Austin, TX, EUA), v. 9, n. 1, p. 50-89, 1988.

Araújo, Samuel. “Ethnomusicologists researching towns they live in: theoretical and methodological queries for a renewed discipline”. *Muzikologija* (Srpska Akademija Nauka i Umetnosti, Serbia), v. 9, p. 33-50, 2009. Disponível em <http://www.doiserbia.nb.rs/img/doi/1450-9814/2009/1450-98140909033A.pdf>. Acesso em 28 nov. 2018.

Araújo, Samuel; Musicultura, Grupo. “Conflict and violence as conceptual tools in present-day ethnomusicology; notes from a dialogical experience in Rio de Janeiro”. *Ethnomusicology* (Society for Ethnomusicology, EUA), v. 50, n. 2, p. 287-313, 2006a.

Araújo, Samuel; Musicultura, Grupo. “A violência como conceito na pesquisa musical: reflexões sobre uma experiência dialógica na Maré”. *Transcultural Music Review* (Barcelona), v. 10, p. 7, 2006b. Disponível em <https://www.sibetrans.com/trans/articulo/148/a-violncia-como-conceito-napesquisamusical-reflexes-sobre-uma-experincia-dialogica-na-mare-rio-de-janeiro>. Acesso em 28 nov. 2018.

Araújo, Samuel; Musicultura, Grupo. “Sound praxis: music, politics, and violence in Brazil”. In: O'Connell, John Morgan; Castelo Branco, Salwa El-Shawan (orgs.). *Music and Conflict*. Urbana, IL: University Illinois Press, 2010, p. 217-231.

Cambria, Vincenzo; Fonseca, Edilberto e Guazina, Laize. “Com as pessoas”: Reflexões sobre colaboração e perspectivas de pesquisa participativa na etnomusicologia brasileira”. In: Lühning, Angela; Tugny, Rosângela Pereira de (orgs.). *Etnomusicologia no Brasil*. Salvador: EDUFBA, p. 93-138, 2016.

Lühning, Angela e Tugny, Rosângela Pereira de (orgs.). *Etnomusicologia no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2016.

Moore, Robin (org.). *College Music Curricula for a New Century*. New York: Oxford University Press, 2017.



O'Connell, John Morgan; Castelo Branco, Salwa El-Shawan (orgs.). *Music and Conflict*. Urbana, IL: University Illinois Press, 2010.

Nettl, Bruno. *Heartland Excursions: Ethnomusicological Reflections on Schools of Music*. Urbana: University of Illinois Press, 1995.

Rice, Timothy Rice. "Ethnomusicology in times of trouble". *Yearbook for Traditional Music*, v. 46, p. 191-209, 2014.

Satomi, Alice Lumi. *Dragão confabulando: etnicidade, ideologia e herança cultural através da música para koto no Brasil*. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Escola de Música, Programa de Pós-Graduação em Música, 2004.

Wolff, Marcus. Entrevista com Samuel Araújo. *Música e Cultura*, v. 2, 2007. Disponível em <http://www.abet.mus.br/revista/>. Acesso em 28 nov. 2018.

Vincenzo Cambria é professor de etnomusicologia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em etnomusicologia pela Wesleyan University (EUA) e mestre em música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi presidente da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET) entre 2015 e 2017. Tem publicado artigos e capítulos de livros sobre música afro-brasileira, música e violência e pesquisa participativa.